

ENSINAR FILOSOFIA COM ALUNOS COSMOPOLITAS EM UM MUNDO GLOBALIZADO¹

Teaching Philosophy with Cosmopolitan Students in a Globalized World

Ricardo Navia
UDELAR

Resumo: O Uruguai é talvez um dos poucos países no mundo onde os estudantes têm três cursos básicos de Filosofia na sua educação pré-universitária. Além disso, vários docentes uruguaios têm hoje dez anos de experiência no ensino da Teoria do Conhecimento no Programa de Diploma do Bacharelado Internacional. Deste ponto de partida, eu quero refletir sobre as possibilidades, as conquistas e as deficiências desses cursos, como uma das contribuições centrais para educar os alunos em uma mente cosmopolita para um mundo globalizado. Parece-me que a educação cosmopolita deve ser pensada para permitir que os alunos aprendam a informação o equipamento conceitual e as ferramentas metodológicas para entender que "as condições de vida em qualquer lugar na Terra são profundamente afetadas por interações internacionais de vários tipos" (Pogge, 2007).

Palavras-Chave: Filosofia; Ensino; Globalização.

Abstract: Uruguay is perhaps one of the few countries in the world where students have three core courses of Philosophy in their pre-university education. Besides, we have now ten years of experience in teaching Theory of Knowledge in the Diploma Program of International Baccalaureate. From this start point, I want to reflect on the possibilities, the achievements and the deficiencies of these courses, as one of the central contributions to educate students in a cosmopolitan mind for a globalized world. It seems that cosmopolitan education should be designed to put the students in conditions of learning information, conceptual equipment and methodological tools to understand that "the living conditions anywhere on earth are deeply affected by international interactions of various kinds" (Pogge, 2007).

Keywords: Philosophy; Education; Globalization.

De muitas maneiras o curso de Teoria do Conhecimento está idealmente posicionado para promover o internacionalismo, em estreita harmonia com os objetivos do perfil do aluno IB. Os objetivos TOK incorporar muitos dos atributos necessários para um cidadão do mundo: a autoconsciência; uma abordagem reflexiva, crítica; interesse em pontos de vista de outras pessoas; e um senso de responsabilidade. (International Baccalaureate / Guia de TOK, p. 5)

¹ Tradução ao português da palestra: *Teaching Philosophy with Cosmopolitan Students in a Globalized World*, proferida na University of Virginia (USA), em 3 de outubro de 2013.

... No mundo globalizado de hoje, onde as relações interculturais já não são opcionais, mas essenciais e permanentes, este objetivo torna-se de importância e validade dobrada. Filosofia e os cursos de Teoria do Conhecimento tem muitas oportunidades para mostrar – sem cair no "relativismo fácil" – que o modo de viver, pensar e sentir em torno do aluno não é nem a única nem a melhor, mas há muitas formas e todas elas encerram riquezas de que todos nós podemos aprender. (R.Navia -. The Challenge of ..., p 3)

Introdução

O Uruguai é talvez um dos poucos países no mundo onde os estudantes têm três cursos básicos de Filosofia na sua educação pré-universitária. Além disso, alguns professores têm agora dez anos de experiência no ensino da Teoria do Conhecimento (TOK) no Programa de Diploma do Bacharelado Internacional (IB). Deste ponto de partida, eu quero refletir sobre as possibilidades, realizações e deficiências destes cursos, como uma das contribuições centrais para ajudar os alunos a desenvolver uma mentalidade cosmopolita para um mundo globalizado. A ideia de um currículo e educação internacionais surgiu logo após Segunda Guerra Mundial, com dois objetivos.

- 1) A primeira foi a criação de uma proposta curricular ampla, flexível e de qualidade que poderia ser ensinado a filhos de pessoas que trabalham em cargos internacionais, ou seja, pessoas que vivem em um país por alguns anos antes de se mudar para outro.
- 2) Mas também foi projetado para mostrar a riqueza das diferentes culturas e, assim, gerar um espírito de tolerância e respeito que poderia nos proteger do clima de intolerância que levou o mundo as maiores conflagrações. Como vocês podem ver, este último é um objetivo, que infelizmente mantém força renovada !!!

No caso do meu país, a existência de três cursos de filosofia pré-universitários no currículo do ensino durante a maior parte do século XX, tem a ver com certas características políticas e culturais típicas do Uruguai moderno, que o distingue de outros países da América do Sul. Meu país teve um governo quase socialdemocrata durante as três primeiras décadas do século XX. Esse governo adotou uma série de medidas muito avançadas para a época: a separação entre Igreja e Estado; o estabelecimento de ensino gratuito, laico e obrigatório nos três níveis; legislação trabalhista e social de avançada: voto feminino comparativamente cedo; cuidados de

saúde gratuitos; legislação humanista que proibiu – por volta de 1900 - atividades que vão desde briga de galos às touradas; uma mentalidade de abertura aos fluxos migratórios (judeus, russos, armênios, galegos, etc., eram bem-vindos); e participação de destaque ante eventos internacionais muito marcantes, como o reconhecimento precoce do genocídio armênio ou o reconhecimento diplomático também precoce do Estado de Israel.

Vou começar recapitulando as características e objetivos básicos dos cursos de Filosofia e de Teoria do Conhecimento no contexto do ensino médio. Depois, vou passar a avaliar as suas principais realizações e deficiências. A partir desses pontos de partida, vou propor algumas medidas para a reforma, a reafirmação ou o apoio a nossos cursos e ao ambiente cultural que os rodeia.

Eu acredito que qualquer reavaliação geral dos programas dos cursos de Filosofia e de Teoria do Conhecimento deve começar por repensar os objetivos desses cursos. Temos de começar por considerar onde estamos e para onde queremos ir: quais são os objetivos que estamos propondo? Essa reavaliação tem que começar com um pensamento crítico sobre os nossos objetivos e sobre nossas práticas atuais.

Objetivos (e conquistas)

Com base nos guias oficiais e outros elementos dos nossos cursos, bem como sobre a sua tradição, os objetivos do curso de Teoria do Conhecimento (TOK) são:

1. Em primeiro lugar, estes cursos visam promover a reflexão crítica sobre os vários aspectos do conhecimento humano (sua aquisição, validação, desenvolvimento, impacto social, avaliação moral, etc.), através do estudo de casos nas diferentes áreas do conhecimento (ciências naturais, matemática, ciências sociais, arte, etc.).
2. Para além de promover uma atitude reflexiva, esses cursos também visam estabelecer conexões entre os diferentes campos do conhecimento desenvolvidos nos vários cursos do ensino médio.

Ambos os objetivos são absolutamente essenciais para o espírito destes cursos e distintivos deles. Além disso, ambos os objetivos mantêm vigência renovada no mundo de hoje, na medida em que: a) Vivemos em um mundo em transformação que, se aspira à autoconstrução e não a robotização, torna-se imperativa uma avaliação crítica das práticas e saberes; b) O aspecto relacional é importante porque o ritmo vertiginoso em que as disciplinas estão se desenvolvendo mina os limites disciplinares rígidos estabelecidos no século XIX, o que exigirá abordagens multi e transdisciplinares.

3. Além disso, estes cursos colocam ênfase especial em incentivar os alunos a desempenhar um papel responsável e participativo nos processos culturais e cognitivos, promovendo o desenvolvimento de competências e abordagens pessoais. Claro, isso está ligado à centralidade de uma consciência global compartilhada e à necessidade de desenvolver habilidades criativas em “um mundo que se recria a si mesmo a cada poucas horas”. (*The Challenge of ...*, p 3).

4. Intimamente relacionado com isto, os cursos de Filosofia e TOK (Teoria do Conhecimento) tem o objetivo de dar um contributo relevante para o perfil internacional do ensino pré-universitário. O desenvolvimento de uma atitude de respeito e apreço entre as nações e culturas é uma característica essencial do curso de TOK (Teoria do Conhecimento) do IB e do nosso currículo nacional. Neste contexto, vale a pena citar a partir da Guia programática de TOK (Teoria do Conhecimento):

De muitas maneiras TOK está idealmente posicionado para promover o internacionalismo, em estreita harmonia com os objetivos do perfil do aluno IB. Os objetivos de TOK incorporam muitos dos atributos necessários para um cidadão do mundo: a auto-consciência; uma abordagem reflexiva e crítica; interesse em pontos de vista de outras pessoas; e um senso de responsabilidade. (Guía de Tok, 'Dimensões Internacionais' , p. 5).

Creio que temos de reafirmar que esta característica não é simplesmente uma anedota do nascimento de educação internacional, que agora só serve para ampliar o nosso alcance em todo o mundo, negligenciando a preocupação social e ética que

leveu o seu nascimento. Pelo contrário, no mundo globalizado de hoje, onde as relações interculturais já não são opcionais, mas essenciais e permanentes, este objetivo duplicou sua importância e sua validade. Sem cair em "relativismo fácil" (Putnam, 1981): Filosofia e TOK (Teoria do Conhecimento) são cursos que fornecem muitas oportunidades para mostrar que o modo particular de viver, pensar e sentir em torno do aluno não é nem único nem necessariamente o melhor; em vez disso, há muitas outras formas de viver, pensar e sentir que contêm ricos recursos dos que todos nós podemos aprender.

Existem várias maneiras em que o ensino de Filosofia contribui para uma mentalidade cosmopolita. Vou tentar descrevê-los brevemente:

1. Os componentes antropológicos incluídos nos cursos de Filosofia tendem a mostrar que o nosso modo particular de vida não é único, e que não é a única maneira em que os valores humanos existentes podem ser encarnados. Eles podem até mostrar como outras culturas têm melhores maneiras de promover certos valores que nossa cultura proclama mas não consegue realizar, ou como outras culturas têm alcançado uma maior consistência avaliativa.
2. Alguns tópicos do curso tendem a mostrar que muitas realizações culturais importantes não se originaram na Europa, mas em culturas que a tradição "ocidental", por vezes, tende a ignorar, por exemplo, os números arábicos, os nomes das estrelas, os primeiros códigos legais, etc. A bússola, a pólvora e a imprensa eram invenções chinesas. Assim foi o uso de navegação a vela para navegar em alto-mar, bem como o motor de popa do leme, o papel, as massas, a seda ou a cerâmica esmaltada. A escola de Bagdá, sob o reinado de Al Mansur (754-775), foi o responsável pela descoberta do movimento do balanço do sol, a avaliação da obliquidade do eclipse e seu declínio gradual, e os estudos sobre a duração exata do ano. Ali Ibn Younis, o fundador da escola do Cairo, foi o inventor do pêndulo e do relógio de sol. Suas observações levaram a uma reforma do calendário dez séculos antes da reforma gregoriana. Junto com a astronomia, as ciências matemáticas foram desenvolvidas pelos árabes. Além da

invenção dos números que ainda utilizamos, a invenção do sinal "zero" por Ben Ahmad Mohammed em 976 é uma das invenções mais importantes de toda a história da matemática, mas não foi utilizado no Ocidente até o século XIII. A trigonometria é outro ramo da matemática que os árabes cultivaram devido a sua aplicação em astronomia. Tudo isso sem mencionar que foi o Oriente Médio, que viu o desenvolvimento das primeiras grandes civilizações, com suas cidades populosas e edifícios de grande escala.

3. Ambos os cursos tendem a mostrar as consequências negativas do dogmatismo, do etnocentrismo, do nacionalismo exacerbado, do racismo, do sexismo e de todos os tipos de fanatismo e intolerância. Consequências que são negativas tanto para as vítimas como para os próprios agressores. Sem tomar uma postura moralista, podemos apontar vários exemplos históricos de este tipo e muitas recriações artísticas deles.

4. Por sua vez, as questões estéticas podem ser exploradas para mostrar a pluralidade de estilos em diferentes culturas e suas respectivas descobertas e realizações. Aqui você pode trabalhar com os valores característicos da pintura japonesa ou chinesa, por exemplo; ou com a arquitetura, escultura e literatura da Índia.

5. As questões éticas podem ser aproveitadas para marcar tanto a diversidade de valores, bem como a forma como diferentes padrões podem, por vezes, ter como objetivo realizar valores semelhantes, mas em diferentes contextos ambientais e vitais.

6. Além disso, a partir do que aprendemos a partir da epistemologia social moderna (e de Thomas Kuhn), é possível mostrar que, mesmo em temas mais abstratos e aparentemente universais, como a filosofia do conhecimento e da ciência, os valores epistêmicos (incluindo verdade) não são valores inevitáveis, mas também eles dependem dos parâmetros culturais que os condicionam .

7. Em todos esses estudos o objetivo tem sido o de tentar evitar os perigos gêmeos de superficialidade ("turismo cultural") e do relativismo radical. Devemos aproveitar a oportunidade para ressaltar a grande relevância da liberdade e respeito à pluralidade.

Estes parecem ser os meta-valores: eles estão acima de todos os outros valores como as suas condições. A crítica de Hilary Putnam ao que ele chama de "relativismo fácil" é particularmente importante nesta questão.

8. Na área da filosofia da ciência e da tecnologia, podemos mostrar o poder que emana do conhecimento e o aumento da responsabilidade que ele implica. Compreender o poder que a ciência e da tecnologia têm, pode levar a um maior sentido de responsabilidade moral, especialmente se acompanhada pela consciência de que vivemos em um mundo cada vez mais interligado e estreitamente interdependente. Há muitos exemplos disso, por exemplo, nos escritos de Thomas Pogge.

9. Por último, mas não menos importante: para além de todos estes temas, o curso deve ser caracterizado pela sua metodologia participativa e crítica, e por seu uso do debate argumentativo. Ele estimula a reflexão crítica, e promove a conscientização das próprias suposições implícitas, bem como refletir sobre elas. Ele também aponta a desenvolver o argumento informado, o debate crítico e o respeito mútuo para as opiniões diversas ou rivais. Nos debates que os alunos mantem com outros alunos, eles vão perder pontos se não estar cientes das suposições que eles fizeram, mas também se eles dão informações incorretas, defendem uma posição sem argumentos, e especialmente se eles mostram sinais de não estar respeitando as posições de outras pessoas. Tem que ser uma escola não apenas da crítica, mas também de respeito da diversidade e da convivência!

Nossas deficiências

Nos parágrafos seguintes, vou discutir o desempenho do curso na área Ibero-Americana, que é o que eu conheço mais diretamente.

- Penso que a principal deficiência é que muitos alunos e professores ainda encontram dificuldades para trabalhar no nível de reflexão e argumentação próprio da Filosofia e de TOK (Teoria do Conhecimento), ou seja, sem consciência adequada do nível específico dos problemas epistemológicos.

- A dificuldade acima é às vezes combinada com a falta de capacidade crítica, o que impede os alunos de capturar a questão do conhecimento implícita nos temas do curso, focando-se apenas no aspecto informativo de qualquer de seus termos, sem problematizar uma questão de conhecimento com a sua típica tensão argumentativa.

- A terceira dificuldade, creio, é a falta de consciência da diversidade cultural: ou isso é ignorado, ou é algo a que os estudantes simplesmente apenas mencionam para atender a uma demanda curricular. (Em outras palavras, às vezes é apenas a expressão de boas intenções a esse respeito.) Os recursos bibliográficos próprios para o tema são escassos: precisamos de mais do que descrições pitorescas de outras culturas, e mais do que expressões de boa vontade. É preciso haver um nível mais profundo de análise.

Há vários fatores que estão impedindo a plena realização destes objetivos. Aqui estão alguns deles.

A - A falta de materiais adequados sobre as culturas não-ocidentais; estes precisam ser acessíveis sem ser superficiais (isto é cair na armadilha do "turismo cultural").

B - Há muitos professores que se limitam a uma abordagem meramente descritiva, não conseguindo atingir o nível experiencial nem o nível reflexivo que é preciso.

C - Não é fácil implementar um sistema de avaliação apropriado para esta abordagem.

D - Este tipo de abordagem à filosofia e à cultura, às vezes entra em conflito com a tendência experimentada pelos professores e as escolas secundaristas de ensinar alguns temas tradicionais nos cursos de filosofia (por exemplo: a Alegoria da Caverna de Platão, os Cinco Vias de Tomás de Aquino, Popper, o existencialismo, e assim por diante).

É por isso que propus em outro lugar a criação de um curso especial para abordar estas questões (sem tirá-los do curso de filosofia): um curso sobre "grandes questões do nosso tempo" e outro sobre a "Cultura da Paz". Mas isso é outro assunto.

Sejamos francos: Filosofia e TOK (Teoria do Conhecimento) são cursos que não podem equivaler a uma discussão sem regras e sem informações de base, nem pode ser o lugar, como eu temo que muito às vezes acontece, onde cada aluno

defende seus pontos de vista anteriores simplesmente apelando para a retórica, sem buscar a informação apropriada ou aprofundar sua precisão crítica e argumentativa. Quando isso ocorre, mesmo que seja só às vezes, desvaloriza o nosso curso na frente dos alunos, das suas famílias e dos nossos próprios colegas de outras disciplinas, e, portanto, distorce o papel central dos cursos de Filosofia e TOK (Teoria do Conhecimento).

A proposta

Como tornou-se claro, a minha avaliação é que nossos cursos estão num ponto de viragem em relação aos seus dois objetivos principais: promover um espírito crítico e promover uma atitude responsável, no contexto das relações interculturais e dos assuntos globais. Este é um ponto de viragem em que, por um lado, é possível observar realizações e originalidades acumuladas ao longo de décadas, mas, por outro lado, existem dificuldades e até mesmo riscos especialmente a dificuldade de manter uma identidade criativa trabalhando com um amplo, multifacetado e dinâmico campo de atores.

Neste sentido, acredito que devemos ter a capacidade de manter e desenvolver as ferramentas e definições que se mostraram adequados para os objetivos propostos, melhorando os meios pelos quais podemos alcançar uma implementação mais bem sucedida. Mas também temos de criar algumas novas ferramentas e critérios para conseguir atingir determinados objetivos que hoje não estamos alcançando.

1.- O que é preciso manter:

A - Precisamente porque contribuem significativamente para os objetivos, proponho manter três elementos-chave do nosso curso; a saber: a Guia programática (como orientação curricular); o ensaio escrito e as apresentações orais, como formas principais de avaliação do curso.

2 - Áreas de melhoria:

A - Devem ser feitos esforços para colocar os alunos em contato com materiais de boa qualidade. Em nosso desejo de evitar abordagens puramente teóricas, não devemos ter uma recaída em uso de recursos só adequados para crianças, em vez de para estudantes que vão começar a universidade em poucos meses. Nenhum construtivismo pode justificar este anacronismo.

B - Eu também gostaria de mencionar que: nada do que podemos fazer para elevar o nível de desempenho e treinamento pode ser lido como medidas elitistas que prejudicam a formação gradual de novos professores que estão sendo introduzidas para o curso. Pelo contrário, a existência de critérios claros para o ensino e de altos padrões devem encorajar e apoiar os professores no meio de suas carreiras e, por meio deles, aos professores no início de suas carreiras.

3 - As propostas de alteração:

Finalmente, eu gostaria de mencionar algumas propostas mais inovadoras, mantendo o espírito básico de nossos cursos:

A - Em primeiro lugar, acho que devemos dar mais ênfase no objetivo de promover um espírito internacionalista e cosmopolita, isto é: melhor conhecimento e respeito pela diversidade cultural. Hoje, este objetivo é indicado apenas em relação a uma preocupação responsável e ativa com certos problemas globais muito óbvios, como a mudança climática, o esgotamento dos recursos naturais, a fome, as minas terrestres, etc. Mas também precisamos fazer os alunos conscientes de casos menos óbvios da dependências e interdependências internacionais (pobreza endêmica, desigualdade estrutural, dependência econômica e cultural, ver Thomas Pogge, T. Nagel, A. Sen, etc.).

Parece-me que isto deve ser feito a partir do programa do curso, a partir dos títulos prescritos para os ensaios e da escolha de temas para apresentações (onde deveria ser mais frequente e explícita) e, a partir dos critérios de avaliação, em que esta abordagem poderia ter uma maior ênfase.

Parece que uma educação cosmopolita para um mundo globalizado deve ser capaz de mostrar os seguintes fatos, sem resvalar para doutrinação (que entraria em conflito com a liberdade ideológica e política das pessoas):

1 - Temos de ser capazes de descrever e explicar o enorme poder humanizador da ciência, da tecnologia e dos sistemas de produção atuais: um poder que hoje em dia é capaz de produzir uma rápida erradicação mundial da pobreza, do analfabetismo e das doenças curáveis.

2 - Também o curso deve ser capaz de explicar o enorme poder desumanizante de certas decisões políticas nacionais ou transnacionais (aquelas decisões que produzem desinformação, desigualdades, privilégios, autoritarismo, discriminação) e até mesmo de certas atitudes individuais (o egoísmo, a ambição, a indiferença, a corrupção).

3 - Além disso, temos de ser capazes de explicar as consequências de nossas escolhas individuais (especialmente aqueles de nós que vivem em países poderosos), e apontar as responsabilidades nacionais e internacionais derivadas de essas escolhas.

4 - É preciso ser capaz de promover sistemas participativos eficazes em todos os países e promover a justiça nas relações globais, sem negar a importância de ideias e culturas nativas e das decisões soberanas (respeitáveis em sua ampla diversidade).

5 - Por último, mas não menos importante, temos de ser capazes de forjar os sistemas conceituais e as ferramentas metodológicas adequadas para exhibir e explicar os fatos descritos acima.

Em suma, temos de ser capazes de explicar que, como Pogge escreveu: "as condições de vida em qualquer lugar na Terra são profundamente afetadas por interações internacionais de vários tipos" (Pogge, 2007).

B - Acho que devemos tomar medidas para garantir o papel de ligação entre os diversos cursos que TOK (Teoria do Conhecimento) e Filosofia pretendem alcançar. Devemos buscar – mesmo prescrever? – ferramentas e modalidades de trabalho que possam promover e sistematizar a relação entre as questões de Filosofia e TOK (Teoria do Conhecimento) e os conteúdos dos cursos especiais (Historia, ciências naturais e

humanas, arte, literatura, etc.). Só esta linha de trabalho pode garantir a conquista duradoura de nossos objetivos.

Referências

Navia, Ricardo. *The Challenge of an International Educational for a World that Recreates Itself Every Few Hours*. Montevideo, 2010.

Pogge, Thomas. What is Global Justice?, in Pogge, T. *Politics as Usual: What Lies behind the Pro-Poor Rhetoric*. Cambridge: Polity Press, 2010.

Putnam, Hilary. *Reason, Truth and History*. Cambridge: Harvard Press, 1981.

Vinokur, Eli. Rival Conceptions of Cosmopolitanism: toward an Integrated Educational Ideal, *Philosophy of Education Society of Great Britain*, Annual Conference, Oxford, March 2013.

Doutor em Filosofia (PUCRS)
Professor de Filosofia, Universidad de la Republica, Montevideo/Uruguay
E-mail: naviamar@adinet.com.uy